

# PLANTAS MEDICINAIS, MEDICAMENTOS INDUSTRIALIZADOS E AS NOVAS RELAÇÕES COM A NATUREZA NO PANTANAL

*Plantas medicinais, medicamentos industrializados e as novas relações com a natureza no Pantanal*

## RESUMO

O Pantanal está localizado entre os Estados de Mato Grosso do Sul e de Mato Grosso e faz fronteira com a Bolívia e o Paraguai. Desde os anos de 1970 o Pantanal vivencia transformações territoriais, sociais e econômicas. O avanço do capitalismo e a globalização impuseram outros sujeitos e diferentes atividades econômicas na região, alterando as relações sociais e construindo novas relações com a natureza. Dentre as transformações vividas no Pantanal, pode-se citar, como exemplo, o incremento ao uso de medicamentos industrializados no cotidiano da comunidade pantaneira. A evolução da ciência e da tecnologia, sobretudo, dos meios de comunicação, facilitou a aquisição da mercadoria remédio. Para os moradores locais, os “remédios da farmácia” têm primazia sobre as plantas medicinais, porque possuem respaldo científico, em detrimento aos chás e garrafadas, a despeito de serem ministrados juntamente com as ervas caseiras para potencializar o efeito. Além disso, os medicamentos comercializados ou doados pelas equipes médicas, em visitas periódicas, os aproximam dos hábitos urbanos. Assim, novas maneiras de se relacionar, entre si e com a natureza, foram construídas pelas gentes pantaneiras, na busca de manterem-se inseridas no mundo globalizado. O objetivo deste artigo é descrever e analisar, as novas relações, ora em construção, estabelecidas entre as pessoas que vivem no Pantanal e os efeitos da globalização, a partir no processo de indução ao uso de medicamentos industrializados em detrimento aos saberes tradicionais dos indígenas, primeiros habitantes locais. Para tanto, o trabalho se apoiará na geografia e em outros saberes, tais como: sociologia, antropologia, história, entre outros. O estudo contará com autores como Porto Gonçalves (1990 e 2006), Smith (1988), Santos (2002), Souza Santos (2010), Martins (2012), Thomas (2010), além de estudiosos sobre o Pantanal.

**Palavras-chave:** Pantanal. Medicamento. Gente pantaneira.

## ABSTRACT

The Pantanal is located within the Brazilian states of Mato Grosso do Sul and Mato Grosso, and bordering Bolivia and Paraguay. Since 17<sup>th</sup> century Pantanal has been undergoing territorial, social and economic transformations. The advancement of capitalism and the globalization introduced new people and different economic activities, changing the social and nature relationships. An example of the transformations in the Pantanal is the increased use of commercial medicines. The advancement of science and technology facilitated to buy industrialized medicines. For the Pantanal people, the “pharmacy medicines” have scientific evidence, home teas don’t have and this approaches them to the urban habits. Thus, new ways they relate with each other and nature, are made to remain in the global world. The objective of this article is to describe the new relationship between people living in the Pantanal and the effects of globalization from the perspective of the use of manufactured drugs. For this, the paper finds theoretical support on geography and other sciences, such as sociology, anthropology, history, etc. And based on the work of authors such as Porto Gonçalves (1990 e 2006), Smith (1988), Santos (2002), Souza Santos (2010), Martins (2012), Thomas (2010), and the work from specialists in Pantanal.

**Keywords:** Pantanal. Medicine. Pantanal people.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde a segunda metade do século passado o Pantanal está passando por transformações em sua geografia. A crise na atividade pecuária, o processo de urbanização e o avanço da tecnologia, sobretudo, da comunicação, aliados ao advento do turismo na década de 1970, alterou o modo de vida das “gentes pantaneiras” (referência às pessoas que vivem e produzem no Pantanal independente da origem).

Esses elementos promoveram a entrada de outros sujeitos (turistas, empresários do turismo, estrangeiros, profissionais do turismo, empresários da pecuária, dentre outros) no Pantanal e, com eles, as relações sociais, culturais, econômicas e as formas de se relacionar com a natureza se transformaram.

Concomitantemente, a dicotomia entre cidade e campo diluiu com o desenvolvimento da industrialização no mundo moderno, conforme assevera Carlos (2007):

[...] o urbano e o rural aparecem em um movimento da reprodução saído da história da industrialização [...]. Não se pode ignorar que a industrialização permitiu o desenvolvimento do mundo da mercadoria, e, [...] proporcionou a articulação entre as mais distantes áreas do planeta, desenvolvendo redes de comunicação e de difusão da informação, [...] criando um processo inexorável: a urbanização do planeta (CARLOS, 2007, p.107).

A inserção da atividade turística como uma nova modalidade econômica no Pantanal, nas últimas décadas do século XX, engendrou nos residentes compreensões da natureza diferenciadas das construídas historicamente no processo de apropriação social da natureza.

Os diferentes grupos sociais ao adentrarem a região introduzem novos componentes à cultura pantaneira, os quais, aliados à urbanização no campo, originam novas relações entre os indivíduos pantaneiros e a natureza, para assim referendar, integralmente, a participação no ciclo da produção e da mercadoria.

No decorrer das últimas décadas, sutilmente, os viveres do Pantanal alteraram, pode-se citar, como exemplo, a simplicidade das brincadeiras infantis, da produção de brinquedos artesanais - construídos com frutas, sementes e palitos de madeira, bonecas de pano, carrinhos de madeira -, do banho de rio, das histórias e dos causos contados nos galpões das fazendas que permeavam o imaginário infantil, mas que progressivamente foram substituídos por brinquedos industrializados, jogos eletrônicos, bonecas falantes, super-heróis e desenhos animados, acompanhados pela televisão. Em depoimento, E29 (foi atribuído um código a cada entrevistado para preservar a identificação) relembra a infância na fazenda “Sabe o que fazia apaixonar, eu e aqueles que foram criados lá? Quando a gente era criança, seis, sete, oito anos, nós vivíamos no galpão com os empregados. Meus heróis infantis eram os peões, os vaqueiros (...)”.

Dentre as mudanças, destaca-se o incremento ao uso de medicamentos industrializados no cotidiano da população pantaneira.

Sob o olhar da geografia, este artigo tem por objetivo descrever e analisar, as novas relações, ora em construção, estabelecidas entre as pessoas que vivem no Pantanal e os efeitos da globalização, a partir no processo de indução ao uso de medicamentos industrializados em detrimento aos saberes tradicionais dos indígenas, primeiros habitantes locais.

O método de aplicação da pesquisa para compreender os olhares do Pantanal para o mundo iniciou com minuciosa revisão bibliográfica, partiu do princípio da observação e do levantamento de dados por meio de entrevistas estruturadas, coletados diretamente em campo, interpretados e

analisados qualitativamente à luz de diferentes saberes, tais como, a Geografia, a Sociologia, a Antropologia, a História, entre outros.

Para produção deste artigo, foram feitas várias imersões ao Pantanal e entrevistas, transcritas literalmente, com o objetivo de vivenciar, *in loco*, o cotidiano das gentes pantaneiras.

A discussão proposta no artigo se baliza na problemática da condução do mundo globalizado calcado na técnica e na tecnologia, que podem desqualificar a utilização das plantas medicinais e imprimir primazia aos medicamentos industrializados.

O referencial teórico interdisciplinar revela as transformações econômicas e sociais no Pantanal ao ser inserido na totalidade mundo, apoiado em autores como Porto Gonçalves (1990 e 2006), Smith (1988), Santos (2002), Souza Santos (2010), Martins (2012), Thomas (2010), que discutem as noções de natureza conforme o momento histórico e social vigente, e, sobretudo de acordo com as formas de acumulação de capital determinada pelo mercado globalizado, além de estudiosos sobre o Pantanal.

## 2- A GLOBALIZAÇÃO, A URBANIZAÇÃO E O VIVER PANTANEIRO

No bojo das práticas que combinam campo e cidade, observa-se no Pantanal o processo de urbanização nas diferentes formas de produção espacial, impostas pelo mercado global, e nas novas maneiras de se relacionar com a natureza. Geograficamente, sob a bandeira do progresso, o capitalismo tenta a urbanização da zona rural (Smith, 1998, p. 88). Em entrevista, E01 comenta sobre a influência do urbano na vida dos trabalhadores das fazendas: “O urbano que vai para lá, vai passando as informações. Então, hoje, essa pessoa que *tava* no mundo jogado, hoje ele tem uma televisão, ele tem um ventilador, ele tem um ar condicionado, ele tem comida boa”.

Os hábitos da cidade no campo inserem o ser humano no mundo global e mudam os modos de relacionamento entre os indivíduos e dessas com a natureza. Souza (1988) considera a urbanização como:

(...) uma das formas mais brutais de organização do espaço e da sociedade, pois ela implica não só uma revolução na organização do espaço físico, como também do próprio corpo social, da maneira de ser e de viver do homem e da sociedade (SOUZA, 1988, p. 14).

As práticas cotidianas das gentes do Pantanal começaram a reproduzir a vida da cidade, aproximando-as dos acontecimentos mundiais que ditam a produção espacial e comercial, sobretudo, com a chegada das imagens de televisão, fato considerado um marco para a comunidade pantaneira.

O acesso às informações, promovido pela globalização, e a urbanização do campo libertam a população local da alienação provocada pela precariedade dos meios de comunicação e ameaçam, de certa forma, os padrões. O entrevistado E01 alega, inclusive, “periculosidade” a aquisição de um aparelho de televisão por parte dos empregados, e sente dificuldades em administrá-las.

Essas informações vão passando, porque hoje tem televisão, tem rádio. Se você não tiver uma boa formação, mais desaprende do que aprende. Esse casal (empregados da fazenda) que não tinha nem luz na fazenda, não assistia nem novela, hoje *tá* assistindo e olha o perigo. Uma senhora de quarenta e cinco anos, vê uma novela hoje... é complicado e eu preciso dela lá.

O trecho da entrevista, reproduzido na íntegra, faz referência à televisão como um elemento capaz de desvirtuar a relação de submissão dos empregados, porém, necessária para manutenção dos trabalhadores da fazenda.

Em contraponto, E30 considera a aquisição dos meios de comunicação no Pantanal um processo lento, gradual e de conquista pessoal:

Primeiro eles não tinham nada... de repente apareceu o rádio, eles começaram a ter notícias do mundo, depois o rádio amador. Agora, ele vê televisão na casa do vizinho ou do patrão e sonham em comprar uma. Logo que podem juntam um dinheirinho e compram uma televisão.

A mercadoria “televisor”, enquanto um sonho de consumo, é também um instrumento de informação e pode contrapor ao processo de subjugação e de alienação do trabalhador; conforme a utilização por parte dos empregados. As palavras de Schmidt (1971, *apud* Smith, 1998) asseguram: “(...) o desenvolvimento tecnológico, como parte do metabolismo necessário com a natureza, é a fonte de dominação, não de emancipação” (SCHMIDT, 1971, *apud* SMITH, 1998, p.54)

Se as imagens da televisão chegaram aos poucos em terras pantaneiras, com a internet o acesso foi mais dinâmico. Nos primeiros anos do século XXI, a comunicação, promovida pela internet, conectou o Pantanal com o mundo moderno, em um processo irreversível. O senhor E01 garante: “Você é obrigado a ter internet. Como eu vou ficar sem internet na minha propriedade?”.

As exigências da contemporaneidade dão origem a novas formas de viver, no Pantanal, nos dias atuais a comunidade pantaneira pode participar das redes sociais, ter *e-mail*, *Facebook*, *Skype*, conectar-se com o mundo.

Na dinâmica da modernidade tecnológica as gentes pantaneiras recebem, quase instantaneamente, as informações mundiais, que, aliada a chegada de outros sujeitos inserem o Pantanal no processo de globalização e urbanização, adquirindo novos hábitos, como, por exemplo, ampliando o uso de medicamentos industrializados e construindo novas relações com a natureza.

## **2 AS NOVAS RELAÇÕES COM A NATUREZA: DAS PLANTAS MEDICINAIS AOS MEDICAMENTOS INDUSTRIALIZADOS**

Diferentes concepções e compreensões sobre a natureza permeiam o pensamento da humanidade nos últimos séculos. Smith (1998) atribui à concepção de natureza complexidade e algumas contradições:

A natureza é material e espiritual, ela é dada e feita, pura e imaculada; a natureza é ordem e desordem, sublime e secular, dominada e vitoriosa, ela é uma totalidade e uma série de partes, mulher e objeto, organismo e máquina. A natureza é um dom de Deus e é um produto de sua própria evolução; é uma história universal à parte, e é também o produto da história, acidental e planejada, é selvagem e jardim. Em nosso elenco de concepções de natureza, todos esses significados sobrevivem hoje, mas mesmo em sua complexidade eles são organizados em um dualismo essencial que domina a concepção de natureza (SMITH, 1988, p. 28).

O autor analisou também da natureza externa e universal:

De um lado, a natureza é *externa*, uma coisa, o reino dos objetos e dos processos que existem fora da sociedade. A natureza exterior é primitiva, criada por Deus, autônoma; é a matéria-prima da qual a sociedade é construída, [...]. Por outro lado, a natureza é também claramente concebida como *universal*. Ao lado da natureza exterior, nós temos a natureza humana, na qual está implícito que os seres humanos e seu comportamento social são absolutamente tão naturais quanto os aspectos ditos “externos” da natureza. [...]. Em contradição à concepção exterior da natureza, a concepção universal inclui o humano e o não-humano da natureza. A natureza exterior e a universal não são inteiramente conciliáveis, pois ao mesmo

tempo que a natureza é considerada exterior à existência humana, ela é simultaneamente tanto exterior quanto interior. (SMITH, 1988, p. 28).

A dicotomia sociedade e natureza calcada em teorias desenvolvidas ao longo do tempo, não representa, na contemporaneidade, as novas relações em construção entre a população mundial e a natureza. Nesta perspectiva, é importante repensar a relação sociedade e natureza para além da dicotomia. Segundo Boaventura de Sousa Santos (2010):

A concepção humanística das ciências sociais enquanto agente catalisador da progressiva fusão das ciências naturais e ciências sociais coloca a pessoa, enquanto autor e sujeito do mundo, no centro do conhecimento, mas, ao contrário das humanidades tradicionais, coloca o que hoje designamos por natureza no centro da pessoa. Não há natureza humana porque toda a natureza é humana (SOUZA SANTOS, 2010, p. 71).

No Pantanal, desde a segunda metade do século passado, as gentes pantaneiras constroem e reconstroem novas relações com a natureza. Martins (2012, p. 99) ao se referenciar à noção de formação econômico-social do ser humano com a natureza, afirma: “[...] o homem que, na atividade por meio da qual atua sobre a natureza para saciar-se, para atender suas necessidades, modifica a natureza e modifica suas próprias condições de vida, modificando ao mesmo tempo sua relação com a natureza”.

Os habitantes do Pantanal contatados, unanimemente, atribuem à natureza o poder de conduzir os rumos da produção em uma perspectiva determinista, simplificando o entendimento natureza e sociedade, mas indicando a emergência de novas leituras do mundo natural. O entrevistado E33 afirma: “A natureza é a coisa mais forte do mundo. Quem manda? A natureza. O Pantanal é natureza, quem manda no Pantanal, não é veterinário, não é eu, não é ninguém. É a natureza. Você tem que *administrá* com a natureza em conjunto” (E33).

A frase do pantaneiro caracteriza certa alienação ao processo de produção do Pantanal, centrada na ideia de ausências de conflitos, dando origem a naturalização das relações sociais.

Para Porto Gonçalves (2006) a relação do ser humano com a natureza é conduzida conforme o período histórico, segundo ele:

Não existe relação com a natureza que não seja por meio de um conjunto de significações socialmente instituído e, portanto, possível de ser reinventado num processo aberto, complexo, contraditório e indefinido sempre em condições históricas e geograficamente determinadas (PORTO GONÇALVES, 2006, p. 88).

As mudanças impostas à natureza desde a antiguidade objetiva a posse e a apropriação. As palavras de Thomas (2010) referendam a dominação humana no período medieval: “Com efeito, ‘civilização humana’ era uma expressão virtualmente sinônima de conquista da natureza” (THOMAS, 2010, p. 33).

O autor Thomas (2010, p. 35) reafirma sua ideia ao atribuir autenticidade científica ao domínio da natureza: “Para os cientistas [...], todo o propósito de estudar o mundo natural se resumia em que a Natureza, desde que conhecida, será dominada, gerida e utilizada a serviço da vida humana”.

Milton Santos (2008) fala da técnica como instrumento de controle sobre a natureza, com vistas ao aumento da produção:

A história do homem sobre a Terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A natureza artificializada maraca uma grande mudança na história humana da natureza. Hoje, com a

tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução (SANTOS, 2008, p. 17).

As transformações nas relações com a natureza intensificaram, sobretudo, com a emergência do capitalismo industrial, assegurado por Smith (1998): “Mais que qualquer outro acontecimento conhecido, a emergência do capitalismo industrial é responsável pelo surgimento das concepções e visões contemporâneas sobre a natureza” (SMITH, 1988, p. 27).

Os pantanais do Abobral e do Aquidauana - recorte espacial para o texto - localizam cerca de 200km das cidades mais próximas e mantém em média 30km de distância entre as fazendas.

O distanciamento das cidades, aliado aos saberes tradicionais dos indígenas, primeiros habitantes do Pantanal, desenvolveram nas gentes pantaneiras conhecimentos sobre a aplicabilidade de plantas consideradas medicinais para o tratamento de diferentes enfermidades, da dor de barriga às doenças respiratórias. “No mato tem remédio para tudo”, garante E35 em entrevista.

A comunidade pantaneira, por décadas, fez uso de medicamentos caseiros. O índio pantaneiro E36 relembra os medicamentos usados pelos avós e pelos pais:

Meu pai dava *prá* gente banha de capivara com mel de abelha. Acontecia uma reação. Como *é* muito forte os dois, as crianças *toma* e nas primeiras semanas estoura um monte de feridas no corpo todo. Aquilo inflama e fica tipo uma aguinha saindo *prá* todo lado, fica horrível, depois que sara. Depois de uma semana cicatriza tudo. *Aí* se você *sofrê* um corte, em três *dia* tá cicatrizado, *é* tipo uma vacina. *É* o principio da vacina. Os *primeiro dia* dava até diarreia (E36).

Nos dias atuais, o medicamento caseiro é utilizado em pequena escala, principalmente entre os moradores das fazendas de difícil acesso, como, por exemplo, durante as viagens das comitivas pantaneiras, os peões costumam usar plantas medicinais para amenizar o mal estar, auxiliar na digestão e amenizar os incômodos provocados pelo consumo excessivo de substância com alto teor alcoólico. O senhor E34-04/12 explica como utiliza a erva para ajudar os companheiros adoentados: “Não tinha remédio, *ái arrumemo* um fedegoso, *soquemo*, *demo* uma *sarmora* também. O cara *ficô* bom!”.

As altas taxas de desemprego na cidade, nas décadas de 1980 e 1990, levaram os trabalhadores a procurar emprego em outros lugares; esse fato, aliado ao desenvolvimento da atividade turística, à modernização da pecuária e à instalação da rede de energia elétrica, em parte do Pantanal, desde o final do século passado, atraíram centenas de pessoas e turistas para o Pantanal. E, em consonância com o acesso à informação, sobretudo pela televisão, materializou-se a vida da cidade no campo.

Assim, a diminuição no uso das plantas medicinais e o aumento no uso de medicamentos industrializados, podem ser atribuídos ao processo migratório cidade campo, ao avanço da urbanização e à chegada de sujeitos de diferentes culturas no Pantanal. Para Oliveira Neto:

Com a industrialização promovida pelo capitalismo e com a apropriação parcial, por parte de toda a sociedade por ela propiciada, a cidade explode e a urbanidade torna-se **referencial** para a humanidade. O indivíduo passa a ter as mesmas aspirações, independentemente de morar na cidade ou no campo. Ele é urbano em seu modo de produzir, de consumir, de pensar, de sentir, enfim, em seu modo de vida. (OLIVEIRA NETO, 1999, p. 36-37, grifo da autora).

Os chás e garrafadas (solução produzida artesanalmente com ervas medicinais) por não serem comprovados cientificamente, progressivamente perderam espaço no cotidiano pantaneiro para os remédios industrializados; em função do domínio do paradigma técnico científico sobre a comunidade local, construído pelo processo de mercantilização das relações com a natureza, acompanhado pelos discursos levados pelos novos habitantes, por aqueles que mantêm contato com

a cidade, pelos turistas ou pelas equipes médicas ao atenderem periodicamente as gentes pantaneiras. A pantaneira E35 utiliza medicamentos doados pelos médicos: “O médico passou remédio, já tomei um. Eles já *traz* o remédio [...]” (E35).

As gentes pantaneiras, entrevistadas, foram unânimes em atribuir o uso dos remédios “da farmácia” às informações recebidas pela televisão, pela internet e pelos turistas.

Nesse sentido, é importante considerar a existência, no mundo moderno, de uma espécie de reconhecimento da indústria química farmacêutica, “garantindo” a qualidade ao medicamento. Trata-se da ideia de desenvolvimento relacionado à técnica e ao lucro. As palavras de Smith (1998) referenciam a engrenagem da indústria farmacêutica:

A produção capitalista (e a apropriação da natureza) é acompanhada não pela satisfação das necessidades em geral, mas pela satisfação de uma necessidade em particular: o lucro. Na busca do lucro, o capital corre o mundo inteiro. Ele coloca uma etiqueta de preço em qualquer coisa que ele vê, e a partir desta etiqueta de preço é que se determina o destino da natureza (SMITH, 1998, p. 94).

Os remédios caseiros não correspondem aos hábitos urbanos, as garrafadas e os “chazinhos”, nas palavras de E35 “é coisa de gente do mato”. A utilização das plantas medicinais pode caracterizar um descompasso com as práticas urbanas impostas pelo mercado e chega a ser motivo de desqualificação do remédio caseiro entre eles. A entrevistada E35 diz:

De primeiro era remédio caseiro. Quando eu cheguei aqui, tinha aquele negócio de garrafada. Agora se *ocê* for *tomá* um remédio caseiro, a turma fala: “*Cê num tá dando no couro? Cê tá ficando brocha (1)?*” Esses *dia* meu marido *tava* atrás de uma raizada (2) *prá* ele *tomá*, a *chua* (3) que é bom *prá* coluna. A turma perguntou *prá* ele: “*Ô cara, que cê tem? Tá virando bicha(4), tá virando viado, prá tomá remédio do mato?*” De primeiro não era assim (E35).

A melhoria dos meios de transporte e de comunicação conectou a comunidade pantaneira com o mundo. Nas últimas décadas as farmácias e drogarias proliferaram nas cidades e expandiram o alcance para o campo. Nos vilarejos pantaneiros, as mercearias e os postos de combustível vendem medicamentos não controlados. Assim, a mercantilização da vida urbana se estende ao campo.

A extensão da cobertura da rede de telefonia celular também facilitou a aquisição de medicamentos industrializados. A trabalhadora E37 reclamava da tosse do marido e resolveu o problema ao encomendar, via celular, um medicamento comercial:

Liguei *pro* meu guri na cidade: “Vai lá na farmácia, explica que você *qué* um xarope *prá* pessoa fumante”. Aí ele *explicô* *prá* dona da farmácia. Ela mandou dois xarope. Mas foi como *tirá* com a mão. Aí acabou os dois *vidro* de remédio, ele ficou uns dez *dia* tomando aquilo e *sarô* (E37).

As pessoas também potencializam os efeitos dos chás caseiros associando-os a antitérmicos ou analgésicos. A senhora E37 garantiu a cura do resfriado do pai à composição de medicamentos caseiros e industrializados: “A única coisa que eu faço, quando ele *tá* muito atacado, é *queimá* um limão com guaco e *dô* com um Apracur, Dipirona e só” (E37).

O medicamento transformado em mercadoria - industrializado - tem comprovação científica em contraponto às plantas caseiras. Trata-se da primazia da ciência, na qual o conhecimento científico e o lucro comandam o mercado em escala global.

Nesse sentido, pode-se recorrer a Marx (1996) ao defender a ideia da transformação do valor de uso para o valor de troca, nesse caso, a troca dos chás, garrafadas e raizadas pelo remédio industrializado.

## CONCLUSÕES

A globalização se apresenta como um processo dinâmico e ininterrupto, e, independente das diversas concepções construídas ao longo do tempo, a forma como está posta está relacionada com o avanço do capitalismo no Mundo Moderno, no qual o mercado dita as regras da economia mundial e da produção. Para Santos (2008): “Trata-se de nova fase da história humana, (...) podemos, pois, admitir que a globalização constitui um paradigma para a compreensão dos diferentes aspectos da realidade contemporânea” (SANTOS, 2008, p. 45).

O processo de globalização ao qual o Pantanal está inserido, principalmente, pelo uso da ciência e da tecnologia, tem duas vertentes distintas, a primeira se caracteriza pelo poder manipulador dos meios de comunicação e a segunda de ser um aliado na construção das novas relações entre as gentes pantaneiras e a natureza. Além disso, os avanços tecnológicos, sobretudo da comunicação, possibilitaram ao ser humano usufruir uma vida no campo, associada aos benefícios proporcionados pelas cidades.

O avanço tecnológico, a melhoria de transporte e das estradas facilitou o acesso das pessoas que vivem no Pantanal aos medicamentos industrializados, durante as entrevistas, cem por cento dos entrevistados manifestaram satisfação e uso, sempre que necessário, dos chamados “remédios de farmácia”. Porém, as análises das entrevistas conduzem ao entendimento de que os medicamentos comerciais são ministrados, concomitantemente, com as plantas medicinais, no tratamento de enfermidades de baixa complexidade.

A compreensão do processo de transformação do cotidiano pantaneiro e as novas relações das gentes pantaneiras com a natureza, a partir das mudanças na forma e na função territorial, introduziu hábitos urbanos e aproximou as pessoas dos acontecimentos mundiais.

Em meio às transformações mundiais, as gentes pantaneiras estão reconstruindo as formas de viver no campo, adaptando-se as “facilidades” urbanas em um movimento cíclico e dialético para se moldarem à ordem econômica e social vigente, sob pena de ficarem à parte da dinâmica mundial.

As transformações pelas quais as gentes pantaneiras e o Pantanal passaram nas últimas quatro décadas inseriram novos elementos ao cotidiano pantaneiro, alteraram os construídos desde a chegada do não-índio e promoveram um processo de ressignificação da Geografia do Pantanal.

## NOTAS

- 1- Expressão popular usada para se referir à impotência masculina.
- 2- Solução produzida artesanalmente com ervas medicinais.
- 3- Erva medicinal utilizada para amenizar dores na coluna.
- 4- Expressões populares usadas para se referir à homossexualidade masculina.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa: um ensaio inédito de Perseu Abramo**. São Paulo: Editora: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ARAÚJO, A. P. C. **Pantanal um espaço em transformação**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. Instituto de Geociências, 2006 (Tese de doutorado).



- BANDUCCI JR, Á. **A natureza do pantaneiro. Relações sociais e representação de mundo no “Pantanal da Nhecolândia”**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Trad., Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BONNEMAISON, J. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (Orgs.). *Geografia Cultural: Um século* (3). Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto II – domínios do homem**. 2. Ed. Trad., José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- CLAVAL, P. **De la terre aux hommes: lá géographie comme vision du monde**. Paris: Armand Colin, 2012.
- CORRÊA, R. L. **Territorialidade e corporação: um exemplo**. In: SANTOS, M., SOUZA, M. A. & SILVEIRA, M. L. (Org.) **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC-AMPUR, 1996. 3. ed. (p. 251-256).
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. 2. ed., Oeiras/PT: Celta Editora, 1990.
- HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- HAESBAERT, R. & PORTO-GONÇALVES, C. W. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. Trad. Carlos Szlak. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- LEFEBVRE, H. **A reprodução das relações de produção**. Porto (Portugal): Publicações Escorpião – Cadernos O Homem e a Sociedade, 1973. p. 115.
- \_\_\_\_\_. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- Ministério da Saúde. Disponível em: <http://www.saude.gov.br>.
- MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 3. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Vol I. Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MORETTI, E. **Atividade turística no Pantanal e as transformações no trabalho**. Revista de geografia, Campo Grande: UFMS, ano V, n. 9, janeiro-junho de 1999.
- NOGUEIRA, A. X. **Pantanal, homem e cultura**. Campo Grande: Editora UFMS, 2002. 1554p
- OLIVEIRA NETO, A. F. de. **Nas ruas da cidade: um estudo geográfico sobre as ruas e as calçadas de Campo Grande, MS**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1999.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

- RODRIGUES, A. M. **Produção e consumo do e no espaço: problemática ambiental urbana.** São Paulo: HUCITEC, 1998.
- SANTOS, M. **Natureza do espaço.** 4. ed. 5. reimpr. - São Paulo: EDUSP, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico-informacional.** 5. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2003 e 2010.
- \_\_\_\_\_. **Metamorfose do espaço habitado.** São Paulo, Hucitec, 1988. 2ª ed 1991.
- SOUZA, M. A. *Governo urbano.* São Paulo, Nobel, 1988.
- SOUZA SANTOS, B. DE. **Globalizations. Theory, Culture & Society.** Disponível em: <http://tcs.sagepub.com>.
- SILVA, J.S.V.; ABDON, M. M. **Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões.** Pesquisa Agropecuária Brasileira, 33 (número especial). Out. 1998, p. 1703-1712.
- SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1988.
- THOMAS, K. **O homem e o mundo natural.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ULTRAFARMA. Disponível em <http://www.ultrafarma.com.br/>.
- WALTERS, M. **Admiráveis mundos novos: teorias recentes. In: Globalização.** Oeiras: Celta, 1999.